



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

## OFICINA DE COMUNICAÇÃO: LOUCUTORES DA DESRAZÃO<sup>1</sup>

**Deiwytt Naomar Rustick<sup>2</sup>, Rita de Cassia Maciazeki Gomes<sup>3</sup>.**

<sup>1</sup> Estágio básico do curso de Psicologia da SETREM em Saúde Coletiva realizado no Centro de Atenção à Saúde Coletiva de Horizontina

<sup>2</sup> Aluno do curso de Psicologia da SETREM.

<sup>3</sup> Professora Orientadora.

A saúde mental sempre gera nas pessoas desconfiança, estranhamento e medo. Medo que é demonstrado através de ações estigmatizantes e discriminatórias. Segundo Goffman (1988) estigma é uma marca ou um sinal que atualmente é aplicado a uma desgraça ou algo julgado diferente ou imoral de frente a sociedade. É usado como um atributo profundamente depreciativo para confirmar a normalidade de outrem (GOFFMAN, 1988). Estigma perverso, que busca em suas marcas e sinais aprisionar uma suposta loucura. Pelbart (1989) utiliza o termo desrazão substituindo a loucura. A desrazão que a partir de uma dimensão cultural, seria o que vai além dos limites de uma pessoa, além dos limites da cultura e assim nos causa estranhamento. Ainda segundo o mesmo autor, o sujeito desarrazado é o ser da desrazão. Ele é discriminado, excluído e recluso. Aquele que está lá e, ao mesmo tempo, não está. Surpreende, intimida e gera desconfiança. Esse outro tão singular, tão único, tão contrário e por isso mesmo de difícil aceitação (PELBART, 1989).

Palavras-chave: Rádio, saúde mental, CASC, saúde.

Para conseguirmos compreender esse ser tão subjetivo e diferente, foi utilizado o método cartográfico como método de pesquisa-intervenção.

“A Cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos. No entanto, não se trata de uma ação sem direção, já que a cartografia reverte o sentido tradicional de método sem abrir mão da orientação do percurso da pesquisa” (PASSOS, Eduardo & BENEVIDES, Regina; 2009).

Assim, a estrutura desse trabalho cartográfico, foi montada dependendo da demanda dos usuários que fazem parte do Grupo de Saúde Mental Vida Nova, não seguindo uma regra padrão, sendo flexível e liberto. Seguimos nele uma metodologia desarrazada.

É exigida de cada pessoa uma racionalidade que seria necessária para haver adequação na normalidade social. Será que a desrazão não permite a adequação? Será que a desrazão pode ser agressiva ou não é apenas parte do imaginário das pessoas sobre o louco perigoso? (WACHS ET AL, 2007). “E agora eu era um louco a perguntar / O que é que a vida vai fazer de mim” (Chico Buarque, Sivuca e Nara Leão, 1977). Pois, eu digo que sim, pessoas que estão em um processo de saúde-doença no que tange a área





**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

mental, podem tudo, e que é nesse desconhecimento de limites e na sua desrazão constituinte que podem produzir singularidades e situar-se na sociedade (PELBART, 1989).

Segunda Transmissão: espaço de territorialização

“O grupo pra mim, significa uma família que eu não tinha” (Acácia).

Descobri a potência de vida que um sujeito desarrazado pode ter e a capacidade de produção daqueles, que em um primeiro momento, não estão ligados a um processo produtivo (PELBART, 2011) no Grupo de Saúde Mental Vida Nova, território da desrazão em Horizontina. O Grupo tem dezessete anos e, atualmente, realiza duas reuniões semanais no Centro de Atenção à Saúde Coletiva (CASC), que é ligado à Secretaria Municipal de Saúde de Horizontina. Participam aproximadamente sessenta usuários que estão divididos nos dois grupos de acordo com suas Estratégias de Saúde da Família (ESF), possibilitando, assim, o acompanhando das equipes dos ESF aos seus usuários. Na última segunda-feira de cada mês ocorre uma reunião em conjunto com os dois grupos, nela é realizada uma fala sobre Educação em Saúde e almoço com cardápio escolhido nas reuniões semanais.

Segundo Guattari (2005), “seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos.” Assim, o território é relativo e depende da subjetivação de cada sujeito e pode ser um espaço vivido ou no qual se sinta “em casa” (Guattari, 2005). Ainda segundo o mesmo autor, estamos mergulhados num movimento de desterritorialização, no qual os territórios originais perpassam por um processo de desfragmentação e se desfazem através de fatores tais como: divisão social do trabalho, ação dos deuses universais e sistemas maquínicos que levam o atravessar das estratificações materiais e mentais. Então, o Grupo Vida Nova seria para os usuários um dos seus territórios. Local onde estão “em casa”, organizam suas subjetividades dentro de um contexto de saúde e não são estigmatizados.

O estigma de uma pessoa que está num processo de saúde-doença na área mental é sempre evidente. Restringe o desarrazado a um devir-louco, quando em seu potencial de territorialização pode, muito bem, situar-se de maneiras diferentes (PELBART, 1989). Devir remete-se a identificação (Guattari, 2005), ação de desejo e auto-estigmatização quando o sujeito se reduz a apenas uma possibilidade de devir. No espaço grupal, onde é dada atenção a área da saúde mental, a desrazão vibra e soa pelas paredes e em cada fresta exibida pelo local. É um espaço de territorialização que surge como habitat do desarrazado e na qual sua ação não deve ser estigmatizada. Devemos evitar que o próprio espaço da desrazão, aja como um espaço que esvazie o potencial de territorialização dos usuários (PELBART, 1989). O esvaziamento potencial dos usuários pode ocorrer ao adquirir apenas uma identidade e um lugar no grupo assim como: direitos, reconhecimento e privilégios. Há uma territorialização do sujeito nesse espaço, espaço que deve permitir o devir-louco, deve permitir o devir-pensante, o devir-sujeito e todos os devires que auxiliam no constante deslocamento de territórios em que o sujeito se encontra, permitindo também com que ele possa se desterritorializar e reterritorializar num outro espaço. Não devemos os restringir em apenas uma forma de potencialidade de territorialização. Caso contrário, o espaço irá agir como uma ação estigmatizante, enclausurando o usuário no devir-louco, tornando-os inofensivos e meros “coitadinhos” para a sociedade, reforçando o manicômio mental existente. Segundo Pelbart (1989), ao derrubarmos os muros na reforma psiquiátrica e terminarmos com os



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

manicômios reais libertamos aquele ser chamado pela sociedade de “louco”. Porém, foi mantida enclausurada a loucura dentro de nossas mentes, mantendo o manicômio, porém, o manicômio mental. O Grupo Vida Nova se destaca na comunidade horizontinense e regional através de dois eventos realizados anualmente: a Luta Antimanicomial e o Dia Municipal do Grande Abraço. A primeira é comemorada em alusão a dezoito de maio, Dia Nacional da Luta Antimanicomial e envolve todos os municípios que fazem parte da décima quarta Coordenadoria Regional de Saúde (14º CRS); enquanto o segundo evento é uma data aprovada por lei municipal que foi criada mediante solicitação do grupo e ocorre no dia dez de outubro, dia mundial da Saúde Mental. São contabilizados os abraços que os munícipes se dão, gerando um movimento em escolas, instituições públicas e privadas. É uma data que visa a inserção do sujeito desarrazoado junto a comunidade. Nota-se que essas duas ações do Grupo de Saúde Mental estão voltadas para a busca do fim do Manicômio Mental. Segundo Pelbart (1989), não basta apenas derrubar manicômios reais se mantivermos confinado a loucura, pois, enquanto a sociedade enclausurou o desarrazoado, o pensamento racional enclausurava a desrazão. Urge em nossa sociedade, a libertação do pensamento das grades racionais carcerárias (PELBART, 1989).

Terceira Transmissão: à hora da loucura

“Eu acho que to tremendo” (Graça).

Segundo Pelbart (1989), é necessário que a ação contrária ao estigma não se petrifique apenas como um dormente ideológico, ou seja, é necessário o libertar da teoria. Desenclausurá-la de livros, artigos e músicas, derrubar o manicômio teórico, que seria manter aprisionada a prática dentro de nossa mente, e nos permitir trazê-la para a nossa clínica.

Na busca do despertar da ação e visando a libertação da desrazão foi criado no CASC a Oficina de Comunicação. O objetivo da oficina é a formação de um grupo para criar um programa de radiodifusão agradável aos participantes e ouvintes, no qual poderiam ser discutidos temas do cotidiano, incluindo: saúde, loucura, reflexões, religião, meio ambiente e o retorno. Assim, o primeiro passo foi organizar e gravar, junto ao grupo que surgia, um programa piloto para ser usado na busca de um espaço em um veículo de comunicação. A proposta soa estranha em um primeiro momento, isso ocorre, justamente, pelo estigma existente em um nível cultural e a racionalidade presente em todas as pessoas que insistem em manter a desrazão aprisionada. É à hora da loucura, onde buscamos a ressignificação de marcas e a modificação de sinais. Aderir a desrazão ou loucura e a deixar fluir, não é aderir à irracionalidade, mas sim, deixar vibrar nossos corpos, nossas mentes em espaços existentes dentro de nosso cérebro e ainda inexplorados, viajar no tempo e espaço sentados na cadeira, brincar com o que foi imposto pela sociedade como algo sério. Vamos aderir ao devir-loucurtor que está intrínseco em nossa constituição.

Então, “Ah, might as well jump (jump) / Go ahead and jump (jump!)” (Van Halen, 1983), enquanto não pularmos para sair do lugar comum, a desrazão continuará presa e será bem difícil viver e não ter a vergonha de ser feliz, será mais difícil ainda cantar e levar pra nossa vida a beleza de sermos eternos aprendizes (Gonzaguinha, 1982). Vamos abrir nossos olhos, vamos acordar e não vamos perder nada.

“Don’t wanna close my eyes

Don’t wanna fall asleep, yeah

I don’t wanna miss a thing”





**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

(Aerosmith, 1998).

Quarta Transmissão: o retorno sintonizado com as vidas

“Tendo fé e amor nós temos tudo” (Teixeira).

Através do surgimento devir-loucurtor na Oficina de Comunicação e na busca de modificação do pensar de uma comunidade, foi criado o Programa “Em Sintonia com a Vida”. Desde o principio organizado e coordenado pelos locutores, através das suas concepções de rádio. Assim, o programa se constituiu como um espaço desarrazoado impellido pela demanda dos locutores, seguindo uma estrutura maleável e sensível ao desarrazoar dos mesmos.

Com uma estrutura flexível já existente e um espaço desarrazoado formado, faltava a emissora de rádio que iria aderir a essa proposta tão diferenciada. A Rádio Olinda FM de Tucunduva nos acolheu e cedeu um espaço também flexível todos os domingos, com início às dezoito horas e quarenta minutos na frequência 101,3 ou através do site: [HTTP://www.olindafm.com](http://www.olindafm.com). Apesar de termos um horário de início e fim, podemos começar um pouco antes ou depois, dependendo do que foi composto em nossa Oficina. Essa liberdade de desarrazoar foi fator preponderante no processo de criação dos locutores e na forma de expressão de suas ideias, temores, desejos e dessa forma, buscar o retorno da mensagem transmitida, discutida e ouvida. O retorno na Oficina de Comunicação é o transmitir dos usuários e a forma como eles encaram suas histórias de vida frente aos fatos apresentados na Oficina. O vibrar de suas mentes e de suas criatividade e o sentimento de necessidade criada em expor e mostrar a subjetividade. O espaço terapêutico criado a partir de uma Clínica do Retorno: do falar na Oficina de Comunicação e o ouvir no programa através do rádio.

“Eu comecei a descobrir meus defeitos e tentar melhorar após me ouvir na rádio e ver no que estava falhando” (Teixeira).

Voltamos ao primeiro parágrafo desse texto, quando é dito que “transmitir é composto de duas fases: falar e ouvir.” Falamos na Oficina de Comunicação e escutamos em casa no rádio. A mensagem é transmitida a partir do momento que escutamos o que estamos falando e percebemos que aquela voz no rádio sou eu e porque ela soa tão diferente. Possuímos muita dificuldade em perceber o que está em nosso rosto, em nossa frente. Isso que nos é invisível e só é possível de olhar em fotos ou espelhos e, mesmo assim, não transmite toda verdade do que é visto. O retorno ocorre a partir do momento que escutamos o que falamos e percebemos nossos defeitos. O retorno ocorre a partir do momento que o rádio-ouvinte escuta a desrazão e analisa que o diferente não parece ser tão diferente assim. A Clínica do Retorno, ancorada nas sintonias de vidas e na análise do que é transmitido.

“Chegamos no CASC com problemas de saúde, ganhamos força, muitos carinhos, muitos abraços da Enfermeira Margarida e da Psicóloga Isabel, nós ressuscitamos de novo ali” (Sônia).

A ressurreição de Cristo, na opinião dos locutores, demonstra que todos podem ressurgir do que era julgado finalizado. O renascer dos locutores do Grupo Vida Nova frente a uma sociedade, o renascer de uma vida improdutiva aos olhos de outrem.

“Na páscoa podemos nos reconciliar com nossa família, conversar, refletir sobre nossa vida, o que foi bom o que não foi” (Cátia).



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

Podemos nos reconciliar com nosso interior, refletir sobre nossa vida, libertar nossa loucura e fazer dela força de criatividade na busca de novos caminhos. Assim, com a desrazão na ponta da língua e a coragem de encarar o microfone, os usuários buscaram mostrar o quão igual a nós o são.

“Vamos falar mais do CASC, as pessoas precisam saber o que fazemos aqui e que não é nada fora do comum” (Ângela).

Falar sobre o CASC, sobre o Grupo de Saúde Mental Vida Nova e revelar os nomes durante o programa demonstra que há uma identidade formada, um vínculo com a instituição e a busca pelo fim do manicômio mental.

“Enquanto a sabedoria do pobre é ignorada, vale mais do que armas de guerra” (Teixeira).

Podemos comparar a sabedoria do pobre ignorada, com a sabedoria desarrazoada. Que permanece ignorada em meio ao manicômio mental.

“De repente, os normais são os loucos e os loucos são normais” (José).

Loucos, cuja sabedoria é ignorada, que através da desrazão situam-se na sociedade, enquanto seres racionais que fogem da loucura, não se situam na sociedade justamente pela incapacidade de desarraoar.

“Vocês nem imaginam o quanto eu me sinto feliz em estar falando pra vocês, pelo avanço que teve o Programa de Saúde Mental. Pois eu, quando mais nova, quando criança e até depois de casada, conheci pessoas que nunca fizeram mal pra ninguém, só por viverem caladas, muitas vezes dentro de casa, sem muito assunto eram taxadas de loucas. Tínhamos até medo, se fosse preciso até a gente corria quando víamos se aproximando da gente, pessoas que nunca disseram uma palavra de mal a ninguém e nem fizeram mal pra ninguém, mas por ser um problema desconhecido, as pessoas eram muito ignorantes e não percebiam que não era loucura e que era apenas uma doença que não tinha conhecimento da medicina” (Ângela).

O medo do desconhecido, do que vai além da cultura e que por isso mesmo causa estranhamento. O estigma, a marca, o louco taxado pela sociedade apenas para garantir a normalidade de outras pessoas.

“Vamos por a mão na cabeça e pensar: como eu estou preparando o meu próximo ou a minha próxima? Estou tratando essa pessoa como algo de importante que toda pessoa é, ou de repente eu estou pisando nela?” (José).

O estigma existe e os seres desarrazoados foram estigmatizados. Mas será que dentro desse processo também não estigmatizamos os outros para buscar a nossa normalidade? O estigma pelos estigmatizados. Ou será que o estigma não existe apenas porque o estigmatizado aceita ser marcado dessa forma?

“Existe o opressor porque existe o oprimido e existe o oprimido porque existe o opressor. Precisamos afirmar a nossa vida: Eu sou! Por que existem as pessoas que se acostumaram a pisar nos outros como uma necessidade de continuar pisando. Por sua vez, aquele que é pisado e aceita ser pisado e não reage, vai chegar ao momento que ele sente a necessidade de ser pisado” (José).

Reafirmar nossa vida, nossa desrazão e nossa potência. Reafirmar nossa forma de ser e de ser diferente. Discutir o estigma e refletir sobre ele e o porquê dele ocorrer. Devemos perceber se estamos ou não sendo oprimidos passíveis perante o estigma e de que forma nos situamos através dessa marca que foi aceita.



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

“Entra na minha casa, entra na minha vida,  
 Mexe com minha estrutura, sara todas as feridas,  
 Me ensina a ter Santidade,  
 Quero amar somente a Ti,  
 Porque o senhor é meu bem maior, faz um milagre em mim”  
 (Régis Danese, 2008).

É nesse crer em algo que os locutores conseguem cada dia realizar um milagre diferente nas suas vidas. Conseguem mexer com a estrutura petrificada da sociedade e as suas próprias linhas duras. Refletir sobre o próprio potencial e perceber que todos somos importantes.

“Vivemos numa sociedade em que se diz: fulano é importante, cicrano não presta pra nada, etc. Gente, pensemos um pouco, será que somente os tidos como ou se acham importantes são importantes? Não é preciso estudo pra concluirmos o óbvio. Todos somos importantes. Os que assim são tidos ou se acham importantes e aqueles que se taxam ou são taxados de menos importantes. Que o Senhor, aquele que nos fez importantes, nos ilumine para que criados a sua imagem sejamos semelhantes a Ele pela nossa ação” (José).

José em sua fala questiona o estigma, questiona o manicômio mental no qual a desrazão está enclausurada. Mostrando que a coragem em libertar o pensar desarrazoado é o primeiro passo para o abrir das grades carcerárias da racionalidade. Teixeira, que sempre quis ser alguém na vida, não conseguiu encontrar seu caminho perante a normalidade. Teve mulher, filhos, terra para plantar e nunca a certeza de estar no caminho certo.

“Comecei a beber e virei num trem descarrilhado. Consegui sair no ano 1996, quando fui ao médico e ele me disse que tinha Mal de Parkinson e não tinha cura. No ano dois mil, resolvi procurar meu irmão e ele me disse: fica aqui comigo, se tivermos que comer pedra, vamos comer pedra juntos” (Teixeira). Teixeira conseguiu encontrar o “caminho certo” depois de libertar sua desrazão. Foi aprendendo a conviver com sua patologia e encarando as dificuldades de um passado desregrado que reencontra a potência de sua vida.

“Sem ter a tristeza a gente não chega na alegria também, é tudo uma coisa ligada na outra” (Teixeira). Seguindo em frente, olhando para tudo que o rodeia, olhando para o céu e percebendo que pode melhorar em muita coisa ainda. Não está preso, não está enrolado, é apenas um desarrazoado brincando com os limites existentes na terra.

“Can’t keep my eyes from the circling skies

Tongue tied and twisted

Just an earth bound misfit, I”

(Pink Floyd, 1987).

Encerramento da Transmissão: considerações finais (?)

Em sintonia com as vidas de nossos locutores, de nossos ouvintes da desrazão, numa harmonia, formamos um coro de diferentes vozes, um coletivo desarrazoado que compõem cada semana diferentes transmissões formando a Clínica do Retorno como espaço terapêutico. Estamos vibrando nos lares das pessoas, nos veículos que estão viajando pela área de abrangência dos transmissores, nos bares sintonizados em nosso canal e em todo o mundo através do site da emissora de rádio que aderiu a





**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XX Seminário de Iniciação Científica

desrazão e auxiliou no processo de libertá-la para todos que compartilham da mesma freqüência. Aprendemos a sambar de frente as adversidades da vida e brincar com o estigma, em nenhum momento negando que ele existe, porém fazendo de suas linhas dura cada dia mais flexível em nosso viver e nas ondas radiofônicas. Dona Gertrudes com os olhos cheios de lágrimas escutou seu dizer desarrazoado e, ao mesmo tempo, cheio de razão. Ela não acreditava na sua capacidade de produção e na potência de sua vida. Sônia reúne toda família para ouvir o programa e descobre aos poucos na Oficina de Comunicação que “o trem anda apenas pra frente” e que debaixo dos caracóis de seus cabelos há ainda muita história pra ser contada de um mundo que, apenas, parecia ser tão distante (Roberto Carlos, 1971). Na reflexão sobre a vida, José resgata sua história, resgata os tempos em que produzia artigos filosóficos - curso no qual é formado – e que transpirava a loucura do pensar no novo. No contar de seu “trem da vida” e outras histórias, Teixeira encontra a certeza de estar no caminho certo e a sintonia de vida que precisa.

A experiência da Oficina de Comunicação e do programa “Em Sintonia com a Vida” demonstra que a capacidade de produção é um fator constituinte do ser – humano e que mesmo quem não está ligado ao produzir pode fazê-lo. Mostra que a busca do duvidar do pensamento recolhido no manicômio mental está apenas iniciando e que a desrazão apesar de ainda estar enclausurada, consegue vibrar a lugares antes inimagináveis. Avistando o caminho longo que iremos percorrer, encerro essa transmissão com uma reflexão de José sobre o caminhar.

“Não vamos ficar esperando que o caminho é algo que vai se oferecer a nossa frente. Não! Caminhos nós fazemos ao caminhar” (José)